

Da agroecologia da cesta a agroecologia do cabaz: a territorialização da comunidade que sustenta agricultura (CSA) no Brasil e em Portugal

From basket agroecology to basket agroecology: The territorialization of the Community Supported Agriculture (CSA) in Brazil and Portugal

ALMEIDA, Fernando Freitas de¹; MORENO, Luís²

¹ PPGG/FCT/UNESP, fernando.f.almeida@unesp.br; ² IGOT/CEG-ULisboa, luis.moreno@edu.ulisboa.pt

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo compreender a territorialização da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) como uma tecnologia social globalizada em dois territórios distintos: Brasil e Portugal. Entende-se que o estudo comparativo traz elementos fundamentais para a reflexão sobre os sistemas agroalimentares no mundo. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica, trabalhos de campo em três CSAs e a elaboração de mapas temáticos dos pontos de entrega que foram essenciais para a compreensão do tema e análise da espacialização dos circuitos curtos CSA. Como resultado, foram identificadas tanto as semelhanças quanto às diferenças entre as realidades tão diversas desses territórios, tendo observado que no Brasil quando se refere a CSA observa-se avanços e em Portugal este processo mostra-se ainda incipiente.

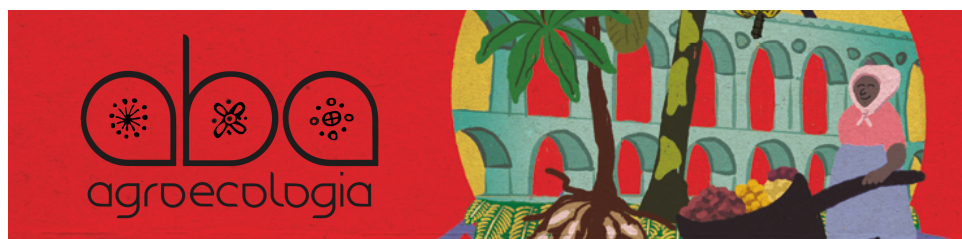
Palavras-chave: geografia agrária, circuito agroalimentar, circuitos curtos.

Introdução

O presente artigo traz resultados parciais da pesquisa realizada no Centro de Estudos Geográficos (CEG) integrado ao Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa (ULisboa), sendo possível realizar um estudo comparado da territorialização das CSAs entre Brasil e Portugal.

Cabazes é a grafia mais conhecida em Portugal ao que se refere no Brasil comumente como cestas; por isso, a referência entre cestas e cabaz, é para dizer que apesar da mesma forma, há conteúdos escalares, semânticos, históricos e sociais distintivos, que ora se aproxima e ora traz alguns estranhamentos. A territorialização e a organização de ambos os movimentos têm origens comuns e se desenvolve de formas distintas, mas entende-se aqui a territorialização a partir da perspectiva de Fernandes (2005).

A CSA pontua como uma tecnologia social (Junqueira e Moretti, 2018), de comercialização mundializada e contra-hegemônica que busca alternativa ao sistema agroalimentar do capitalismo. Atualmente, a comercialização de alimentos vem marcada através do controle dos preços das grandes redes varejistas, o alto consumo de agrocombustíveis em cadeias longas de comercialização e



atravessadores/mediadores com altas margens de lucro, seja nas exportações ou até mesmo em relações regionais. Diferentemente desta lógica, a CSA apresenta-se como uma outra, de desenvolvimento local, onde o alimento é entregue a partir da proximidade, com pouco deslocamento; com isto a própria comunidade tem alguma garantia de alimentos saudáveis e o processo contribui para desenvolver a agricultura localmente.

A agroecologia tem sido importante no direcionamento das CSAs no Brasil e em Portugal, ao servir como princípio que direciona uma produção que tem como marca tanto o apreço como o respeito aos ciclos de natureza e proximidade. Para tal, como sugere Altieri (2012), a Agroecologia oferece referências fundamentais para mudança do paradigma da circulação, produção e consumos de alimentos.

O estudo comparado de Brasil e Portugal nos permite fazer aproximações e distinções, ajudando a pensar essas realidades. A CSA foi neste sentido escolhida, por estar presente nos dois territórios e pontuar como uma tecnologia social mundializada presente nos mais diversos territórios.

Metodologia

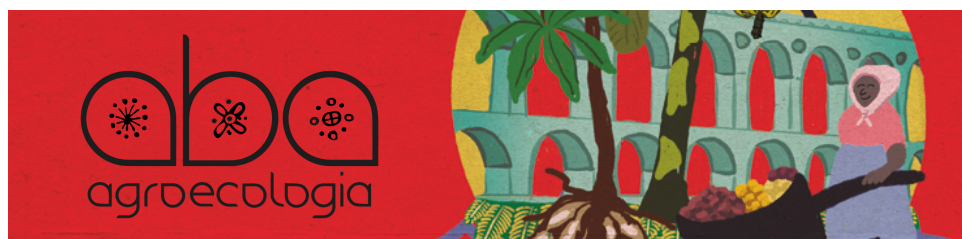
Como elementos metodológicos salienta-se, por um lado, o trabalho de campo, por ser basal, realizado com recurso a 3 CSAs: CSA Sorocaba e CSA Coração no Brasil, e na CSA Beja (Portugal), tendo sido possível ter contato com sujeitos envolvidos com as CSAs, produtores e coprodutores (consumidores). Por outro lado, também se mostra central a produção e interpretação de mapas, bem como a realização de fotografias, por serem registros históricos de dado tempo.

Releva-se ainda o levantamento bibliográfico, realizado durante toda a pesquisa, nos domínios da geografia agrária e de áreas correlatas de estudos realizados sobre CSA/AMAP, além de pesquisas realizadas no site da AMAP Regenerar Portugal e na CSA Brasil.

Resultados e Discussão

A CSA configura-se como uma estratégia de compra e venda entre sujeitos que buscam, mediante uma relação direta, garantir a produção e consumo de alimentos saudáveis sem veneno, consumindo local ou regionalmente, evitando as grandes cadeias de agroalimentares, respeitando a sazonalidade dos alimentos e em defesa da agroecologia como modelo de produção.

A CSA teve sua primeira territorialização no Brasil em 1997, em Fortaleza, município do Ceará. Já em Portugal, isso ocorreu somente em 2003, em Odemira, vila do Distrito de Beja, conforme aponta Soares (2022) em sua tese de doutorado. Desde então, ambos os países têm desenvolvido experiências de CSAs e aprofundado as organizações em seus respectivos territórios. A primeira experiência de CSA nos dois países ocorreu de maneira isolada, ganhando densidade posteriormente.



Conforme a CSA foi crescendo em ambos os países, surgiu a necessidade de uma maior organização. No Brasil, em 2011, foi criada a CSA Brasil, uma organização não governamental, visando estabelecer uma rede organizada em torno da CSA e também em defesa do pequeno produtor em todo território nacional. Por sua vez, em Portugal, o desenvolvimento de uma rede nacional ocorreu em 2016 com a Regenerar, que adotou desde o início o conceito de “Associações para a Manutenção da Agricultura de Proximidade”, conhecido por AMAP. Essa escolha ocorreu devido à importância da proximidade como elemento fundamental, considerando que o acesso às “produções biológicas” (orgânicas) de outros países por Portugal é facilitado, por integrar a União Europeia (U.E).

O fato de ter uma organização nacional não tira a autonomia da organização da CSA em cada um dos seus territórios, o que cria na pesquisa uma dificuldade das coletas de informações para representação em mapas. Porém, usamos como metodologia para tal a consulta no site de ambas as organizações, CSA Brasil e Regenerar, além da observação de campo (territórios das Figuras 1 e 2).

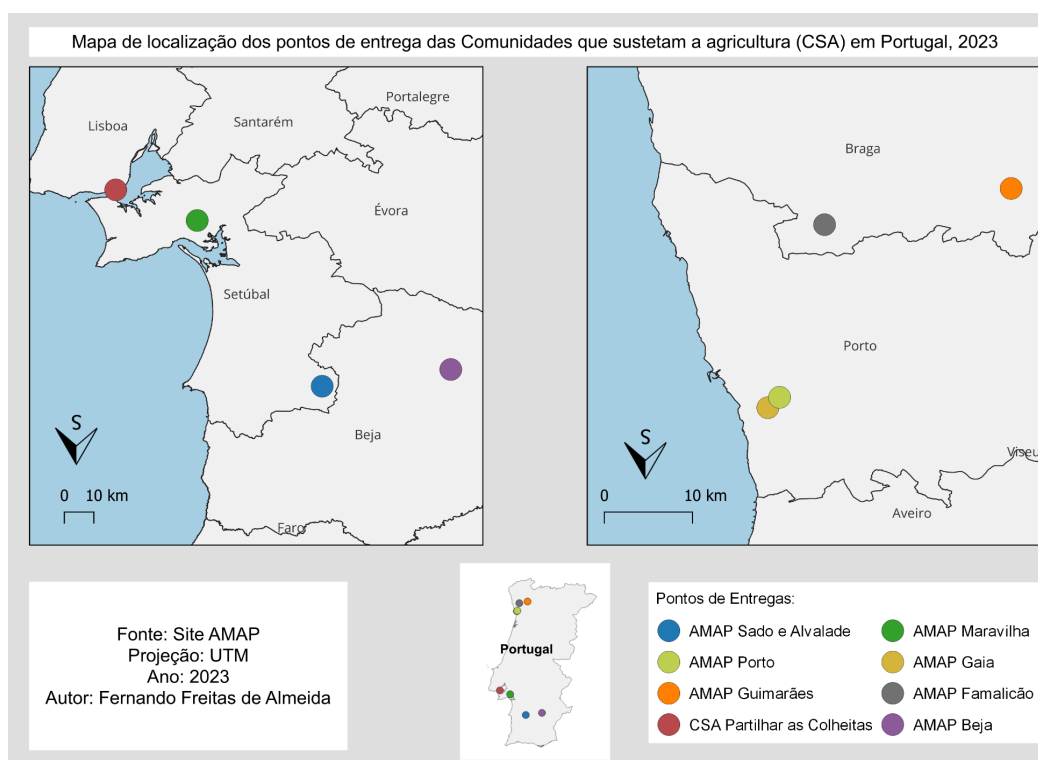
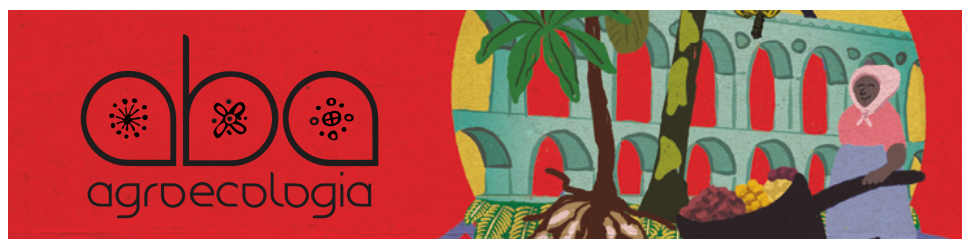


Figura 1: pontos de entregas CSA Portugal

Conforme observado na Figura 1, há em Portugal 8 núcleos das CSAs organizados, que são: AMAP Porto, AMAP Gaia, AMAP Guimarães, AMAP Famalicão, AMAP Sado e Alvalade, AMAP Maravilha, AMAP Beja e CSA Partilhar as Colheitas. Estas CSAs têm concentração na região de Porto e Lisboa, maiores núcleos urbanos de Portugal, sendo 4 CSAs no norte e 4 CSAs ao sul do país. A concentração em regiões urbanizadas denota a forma na qual as CSAs são organizadas, pois, se a



defesa se refere a um consumo local, há quase sempre a necessidade de um centro urbano próximo.

As territorializações das CSAs em Portugal são pautadas sobretudo a partir de ações coletivas locais, com envolvimento de sujeitos que tiveram contato com estas experiências fora dos países, conforme indicam Soares (2022) e Oliveira (2021), e de acordo com o constatado em conversas em trabalho de campo.

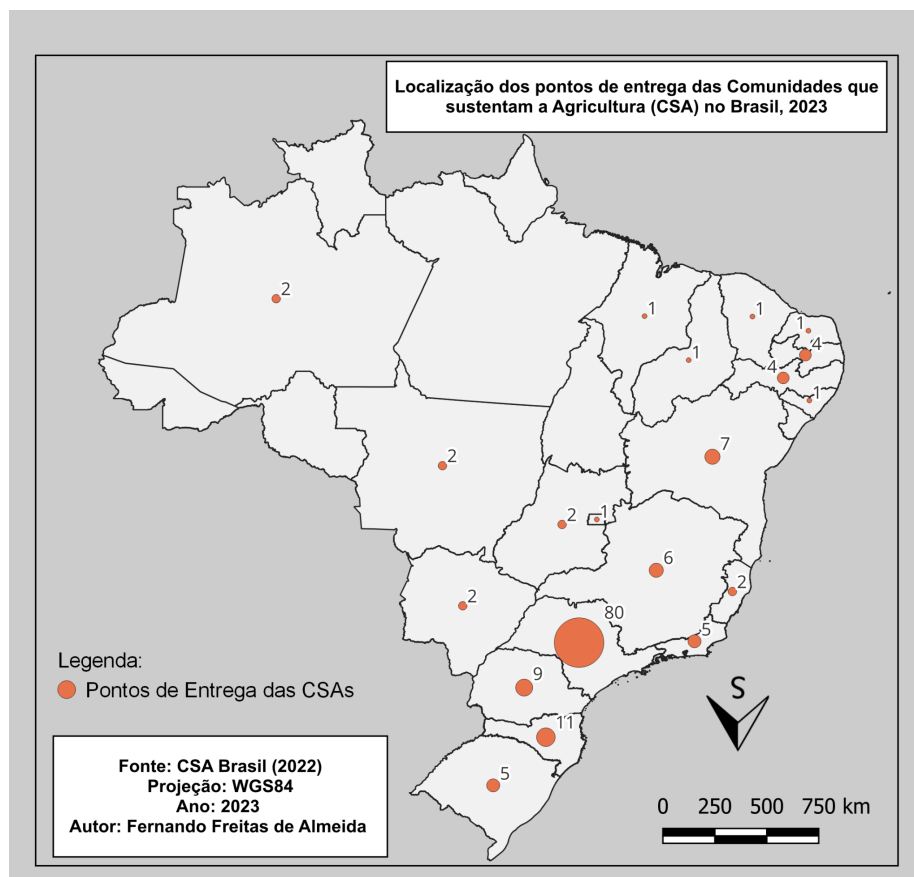
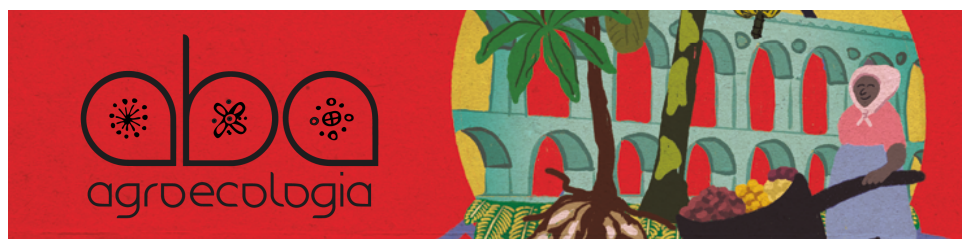


Figura 2: Depósito de entregas CSAs Brasil

No Brasil, a organização das CSAs encontrou solo fértil para se desenvolver. O país é extenso e conta com uma organização de movimentos sociais que lutam pela terra em diversos territórios, destacando-se o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). A partir desse contexto, houve um crescimento significativo, passando de poucas experiências para centenas em apenas duas décadas, como pode ser observado na Figura 2 (desenvolvida a partir de dados sistematizados no site <https://csabrasil.org/>).

Se em Portugal não passa de uma dezena de pontos de entrega no Brasil a CSA vem crescendo a cada tempo; tem-se como caso emblemático o estado de São Paulo (SP), que possui 80 depósitos de pontos de entregas; mas há concentração



de depósitos de CSAs nas 5 macrorregiões brasileiras: destaca-se, para além de SP, 11 CSAs no estado de Santa Catarina (SC), 9 no Paraná (PR), 7 na Bahia e 6 em Minas Gerais (MG), e pontualmente depósitos em todo território.

Pode-se observar um envolvimento entre consumidores e produtores, uma relação de proximidade com o alimento e a possibilidade de um desenvolvimento local.



Fotografia 1: Cabaz da AMAP/CSA BEJA (Portugal)

Fotografia 2: Lousa com alimentos da CSA Sorocaba (Brasil)

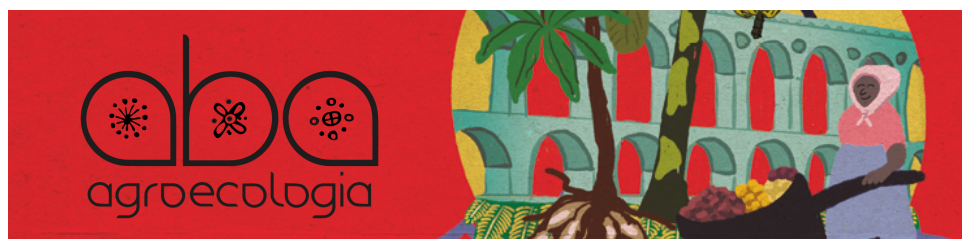
Fotografia 3: Cesta da CSA Coração (Brasil)

A relação de corresponsabilidade do que se come e do que se produz pode se revelar em campo; de fato, o momento da busca do alimento, das trocas de receitas, da preocupação com a quantidade de trabalho realizado pelo agricultor, esteve presente em todos os espaços de CSA.

Conclusões

O alimento como bem-comum é um aspecto fundamental nas CSAs, ao ir além da mercadoria e possibilitar corresponsabilizar todas e todos pela alimentação, pensando na partilha, na produção, no consumo responsável e no desperdício. Difere essencialmente das cadeias longas do alimento-mercadoria que marca a organização mais geral da sociedade.

Neste sentido, a escala e a capilaridade das CSA (Comunidades que Sustentam a Agricultura) nos dois territórios se distinguem de maneira significativa, com um desenvolvimento mais espaçado dessas experiências em Portugal e um desenvolvimento mais rápido no Brasil. Pode-se considerar que a agroecologia das cestas desenvolvida no Brasil encontrou uma maior massa crítica na organização social para se desenvolver, ao contrário de Portugal, onde ainda há dificuldades no seu desenvolvimento.



Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com financiamento do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3° ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

AMAP/CSA “**Carta de Princípios**”. **Rede Portuguesa de Agroecologia** Solidaria – Regenerar. 2018. em <https://amap.movingcause.org/carta-de-principios/> acessado 12/06/2023.

BAVA, Silvio C. **Tecnologia social e desenvolvimento local**. *Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: FBB, 2004, 103-16.

CHESNAIS, **A Mundialização do Capital**, Xamã VM Ed. Graf. Ltda., São Paulo, foi publicada em 1996.

COCA, E. L. F. A SOBERANIA ALIMENTAR COMO PARTE DOS CONTRA-ESPAÇOS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO. **Boletim Alfenense de Geografia**, v. 2, p. 25-43, 2022.

FERNANDES, Bernardo Mançano Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos. **Revista Nera**, Presidente Prudente, ano. 8 n. 6, jan.-jun. 2005, p. 2.

JUNQUEIRA, Antonio Hélio; MORETTI, Sérgio Luiz do Amaral. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): tecnologia social de venda direta de alimentos e de revalorização das identidades alimentares territoriais. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 26, n. 3, p. 517-538, out. 2018.

OLIVEIRA, Daniele Dias. **Mapeamento a Análise Socioespacial dos Circuitos Curtos Agroalimentares na Cidade de Lisboa**: As Experiências da Cooperativa Fruta Feia e do PROVE. Dissertação (mestrado) Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2021.

SOARES, Rosângela Oliveira. **Do preço para o apreço: novas relações entre atores em processos de agricultura apoiada pela comunidade**. Tese (doutorado) Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, 2022.

SOTILO, Caroline; LUDERER, Cynthia. CSA: um programa de agroecologia em Portugal e seus códigos culturais. **RIVAR** (Santiago), Santiago, v. 9, n. 26, p. 36-54, mayo 2022. Disponible en http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-49942022000200036&lng=es&nrm=iso. accedido en 15 marzo 2023.